



*Crianças Brincando, 2008*

Paulo  
2008

LEILA KIYOMURA

Fotos de Paulo Bianco

# Bianco e o tempo infinito da pintura



Este artigo é uma versão modificada de matéria publicada no *Jornal da USP* em agosto de 2009.

**LEILA KIYOMURA** é jornalista, crítica de arte e aluna do programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da ECA-USP.

os 93 anos, Enrico Bianco é o “pintor moço” que encantou o crítico e escritor Mário de Andrade. Pincela a vida com emoção, imprimindo sonhos de menino e paisagens que não têm fim. As janelas de seu ateliê se abrem para a Favela da Rocinha, em São Conrado, no Rio de Janeiro. O vaivém de crianças empinando pipa sempre vai parar em suas telas. Seu cotidiano conta com as cores da gente do morro.

Ele acorda às cinco. Toma uma chuva rápida. O café da manhã é um bom prato com arroz, feijão e banana. Uma tela já está sobre o cavalete à espreita da mão do artista. Ele se deixa envolver pelo “cheiro saudável”, como ele define, de tinta e aguarrás.

“Não há nada mais agressivo do que uma tela em branco”, comenta enquanto se ajeita na banquetela com rodinhas. As cores vão entrando no ambiente. Mistura as tintas sobre o papel vegetal. A flanela na mesa dos pincéis vai manchando de azul, verde, vermelho, amarelo...

O ateliê – que faz lembrar a pequena sala de Brodowski onde o amigo Cândido Portinari pin-

**Festa de São  
João, 2007**



**São Francisco,  
2008**

tava – se transforma. Quem entrar, nesse momento, vai se deparar com uma cena em movimento. Encontrar São Francisco sendo festejado por uma multidão de cães. Ou um grupo de meninos dançando ciranda entre bandeirolas e balões. “Procuro transportar o espectador para o interior dos quadros”, diz Bianco. “Fazê-lo participar não de uma realidade óbvia, mas das intenções imaginárias existentes na minha pintura e na sua fantasia. Penso que, de certa forma, era esse o espírito da obra de Portinari.”

Bianco fica alguns segundos em silêncio. “Sinto saudade do jeito dele segurando vários pincéis na mão. Sempre sério, penetrado. Convivemos longos anos, ele sabia que tinha em mim um aliado. Seu aluno para sempre...”

Todos os dias Bianco se renova na paixão pela arte. Surpreende pintando uma tela atrás da outra. É a busca que Mário de Andrade registrou no *Diário de São Paulo* em julho de 1947.





“Ora, Enrico Bianco é antes de mais nada e essencialmente, por enquanto, um artista no exercício pleno e voluptuário de sua mocidade. Nesse sentido a sua exposição é admirável, cheia de uma poesia irradiante, feliz, gostosa como um banho de mar no bom sol. E justamente onde eu mais aprecio a arte de Enrico Bianco é quando ela expõe gritantemente esse prazer de pintar, esse otimismo, esse ‘Anch’io son’ pittore’, essa inobservância dos abismos. Quando Enrico Bianco se liberta de certos interesses de sociedade e outras velhices, e exerce integralmente o seu direito de moço, ele atinge por vezes formas, cores, quadros, bonitezas de uma revelação tão aguda que quase nos convencem daquele ‘belo visceral’ de que falava Mario Pilo. Mais que obras definitivas, são o ‘pean’ da glória física de criar.”

O direito de moço que Enrico Bianco – com os cabelos brancos presos em um descontraído rabo de cavalo – faz questão de exercer na inquietação que o leva a rever

**À esquerda,  
Madona, 2007;  
abaixo, o artista  
em seu ateliê**



os mesmos temas em instantes diferentes. A *Madona* em tons de verde e azul de 2007 protege a jangada com pescadores. A *Madona* em tons de amarelo e laranja de 2008 segura um feixe de trigo ajudando os lavradores. Também São Francisco está no cotidiano do artista. Não como santo, mas como um homem bondoso, humano, próximo da natureza e dos animais. Os meninos jogando futebol, empinando pipas, brincando com carneiros, as flores, as colheitas vão revelando o tempo infinito da arte. São semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes. Como Bianco, eles se transformam. Questionam. São humanos.

Mesmo diante de tantas paisagens, Bianco diz que não se considera um pintor. É um comunicador. “O mister de pintar, a verdadeira função do pintor é se comunicar com o público sem delongas. A intensidade

dessa comunicação é que estabelece o real valor da obra de arte.”

Nos últimos anos, Bianco conta que dobrou a sua produção porque fez uma renúncia. “Sempre gostei de escrever. Tenho mais de 400 crônicas publicadas no jornal *Tribuna da Imprensa*. Mas quando eu escrevia ficava com vontade de pintar. E quando pintava tinha vontade de escrever. Você até pode viver com duas mulheres. Mas não dá para se dividir entre duas profissões. Optei, então, pela pintura.”

A presença feminina está sempre rondando os pincéis do artista. Ao contrário de Portinari, a nudez da mulher é reverenciada por Bianco. São imagens elegantes, sensuais e ingênuas que sugerem a contemplação. E inspiraram o poema “Ante um Nu de Bianco”, de Carlos Drummond de Andrade:

### **Lavadeiras, 1981**





**Estudo**

“Quanto mais vejo o corpo, mais o sinto existente em si mesmo, proprietário de um segredo, um sentido – labirinto particular, alheio ao ser precário.

Cada corpo é uma escrita diferente e tão selada em seu contorno estrito que a devassá-la em vão se aflige a  
[mente:  
não lhe penetra, na textura, o mito.

Trabalho eterno: a mão, o olhar absorto no gesto fulvo e nu da moça andando como flor a mover-se fora do horto.

Só o pintor conhece como e quando o corpo se demonstra na pureza que é negação de tempo e de tristeza”.

Bianco justifica dizendo que a harmonia gerada pela estética encontra-se mais entre



as mulheres e seu universo. Daí o seu feliz encontro com elas. “Eu adoro as mulheres porque elas mentem. E gosto da mentira não pelo que ela traz de danos, mas pelo que ela pode trazer de fantasias. Se você falar a verdade, acabou a conversa. Mas a mentira abre um horizonte. Quando jovem você engana uma mulher ou uma mulher engana um homem porque os dois satisfazem o ego de quem se apaixona. Será que sou realista demais?”

## SANGUE CALABRÊS

Nem isso, nem aquilo... Nem ao céu, nem à terra. Como bom romano de sangue calabrês, Bianco é determinado. Vive e pinta a realidade com as cores da paixão.

**Acima, Estudo;  
na outra  
página,  
Jangada, 2007**

Tons que vêm também da convivência com a Favela da Rocinha. “Aqui há mais de 50 mil habitantes, é considerada a maior da América Latina e uma das mais urbanizadas do Rio de Janeiro”, observa. Bianco desfruta o encanto da Pedra da Gávea, o conforto de um dos bairros mais luxuosos da cidade e, ao mesmo tempo, acompanha os problemas da desigualdade social. Mas é a simplicidade da gente que o pintor acolhe na sua arte.

“Há alguns anos, fui visitar minha irmã, que mora no sul da Itália. Enquanto estávamos percorrendo a região de carro, ela olhou para as plantações, os lavradores e me disse que toda vez que passava por ali tinha a sensação de estar dentro dos meus quadros”, conta Bianco, emocionado. “Mas olha só que engraçado, eu nunca fui agricultor, nunca me interessei por fazendas, também não joguei futebol. Não vivi nada disso, mas ao mesmo tempo são coisas que vivencio, que estão dentro de mim...”

Bianco lembra Portinari quando, em 1947, em um discurso aos argentinos intelectuais, considerou:

“Aqui estou para afirmar que a pintura que se desvincula do povo não é arte – senão um passatempo, um jogo de cores cuja mensagem passa de epiderme em epiderme – e que tem um alcance pequeno. Ainda que realizada com inteligência e bom gosto nada dirá ao nosso coração – e uma pintura que não fala ao coração não é arte, porque só ele a entende. Só o coração nos poderá tornar melhores e essa é a grande função da arte. Não conheço nenhuma grande arte que não esteja intimamente vinculada ao povo. As coisas comovedoras ferem de morte o artista e sua única salvação é retransmitir a mensagem que recebe. Pergunto-me: quais são as coisas comovedoras neste mundo de hoje? Não são por acaso as guerras, as tragédias provocadas pelas injustiças, pela desigualdade e pela fome? Haverá na natureza algo que grite mais alto ao coração do que isso?”

O recado de Cândido Portinari é o mesmo de Enrico Bianco. Dois mestres em sintonia.



## SOB O SOM DE UM PIANO

Com um quarteto de cores – amarelo, azul, vermelho e verde – a pintura de Enrico Bianco vibra. Os meninos na festa de São João, as lavadeiras entre os varais de lençóis cor de anil, o movimento das velas da jangada, os passarinhos que voam ao redor de São Francisco... As imagens parecem emitir sons.

Quando era menino, Bianco se acostumou a pintar ouvindo o piano de sua mãe, Maria Bianco Lanzì. “Era uma virtuose. Quando ia dar um concerto, costumava pedir a minha opinião na seleção das músicas. Eu não sabia tocar, mas ouvia sempre com atenção.” A família morava em um velho casarão em Roma. O pai, Francesco, era escritor e correspondente internacional do *Jornal do Brasil*, na Itália, e também tinha sido deputado pela Democracia Cristã.

Desde os 6 anos, Enrico tinha o incentivo dos pais. Estudava desenho e pintura com mestres como Deoclécio Redig de Campos (que se tornou diretor do Museu do Vaticano) e Dante Ricci (que fora professor da família real). Tinha 17 anos quando realizou sua primeira exposição na I Quadriennale Nazionale d’Arte.

Logo depois, a família enfrentou dias difíceis com a perda de Maria Bianco. O fascismo ascendeu, e Francesco foi muito perseguido. O *Jornal do Brasil* também enfrentava a crise dos anos 30, e o jornalista foi demitido como correspondente. Em 1937, a família acabou aportando no Rio de Janeiro. Incentivado pelo pintor Paulo Rossi, Bianco foi conhecer o ateliê de Portinari no Rio de Janeiro. Queria ver a obra que o artista estava preparando para a sede do Ministério da Educação. “Eu ficava olhando os três assistentes pintando: Burle Marx, Inês e Rubens Cassa. Percebi que eles estavam com dificuldade para ampliar a mão de um garimpeiro. Perguntei se poderia tentar. Eles me olharam assustados, mas concordaram.”

Quando Portinari chegou, ficou surpreso e perguntou: “Quem é que pintou aquela mão ali?”. Os assistentes apontaram Bianco. Portinari ignorou. E na hora



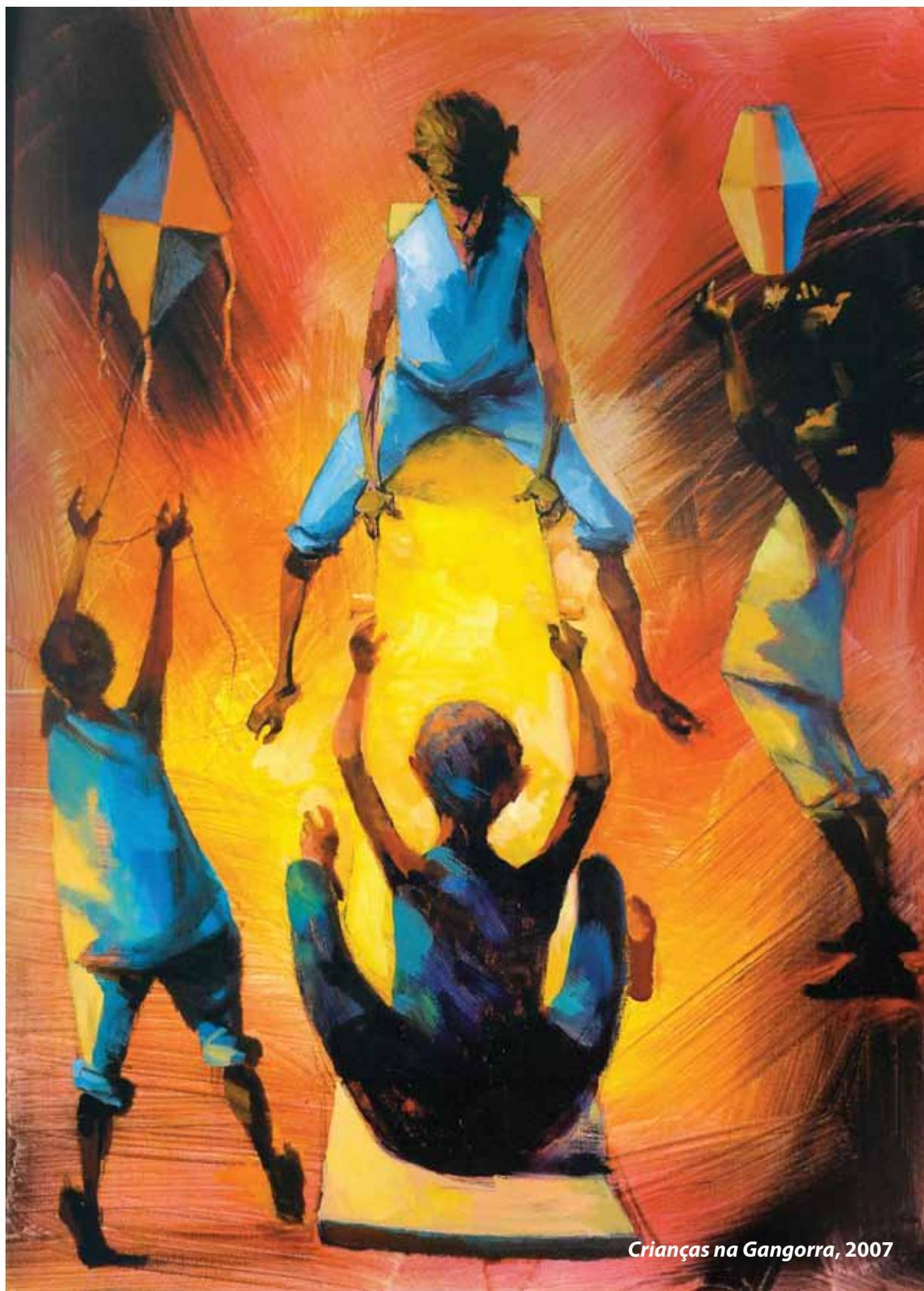


Bianco ficou desapontado. “Quando chegou a hora do almoço, eu me despedi. Já estava indo embora. Aí ouvi a voz firme de Portinari, que me perguntou: ‘Aonde você vai? Amanhã você volta, não volta?’”

A partir daquele dia, Enrico Bianco ganhou um mestre. E Portinari, um assistente dedicado e amigo. Com a admiração mútua, Bianco se projetou, seguiu a própria carreira. Em 1940, realizou a sua primeira mostra individual no Hotel Copacabana Palace e recebeu a medalha de prata do Salão Nacional de Belas Artes. Passou a se apresentar nos principais salões e museus do Rio de Janeiro e São Paulo.

A arte de Bianco marca presença na arte brasileira. Mas, quando fala de seus trabalhos, logo vem a imagem de Portinari. “Sua pintura não precisa decorar nossas paredes nem as dos museus, ela é a semente de nossa terra plantada em nossos olhos e nossa alma: nossa Pátria. É nessa estrutura que se forma um país e, tanto quanto Giotto e Piero della Francesca para a Itália, Portinari é, para nós na América do Sul, o símbolo da consciência de uma nação realizada em pintura”, observa. “Quem conheceu Portinari teve a oportunidade de conviver com um homem extraordinariamente inteligente. Sua grande e honesta pintura é fruto de um grande e honesto ser humano. Meu Mestre.”

**Lavadeiras,  
2001**



*Crianças na Gangorra, 2007*

**livros**